

A CASACA ENCARNADA

Peça em 3 actos de VITORIANO BRAGA. Publicada em 1923.

Representada pela primeira vez no Teatro Politeama em 16 de Março de 1922.

[...]

Três cenas: o gabinete luxuosamente mobilado do director e administrador da Companhia de Seguros Luso-Hispânica (1.º acto); sala em casa de Evaristo Fernandes, tendo ao fundo uma porta em arco espaçosa e envidraçada que dá para o jardim (2.º acto); «hall» dum grande clube, cujo ambiente deve ser grandioso, mas soturno (3.º acto). Lisboa, começos dos anos 20.

Imponente no seu sobretudo de pele, chapéu na cabeça e charuto aceso, Evaristo Fernandes faz uma entrada majestosa no seu gabinete da Companhia de Seguros Luso-Hispânica, de que é administrador. Propositadamente dá um encontrão em Pedro, o velho contínuo de 70 anos. Tudo nele denota orgulho e arrogância, mas mostra-se preocupado com o que se diz a seu respeito na Companhia. Argumenta que é o despeito que faz os outros falar, e cita como exemplo Diogo Alardo, que anda a desacreditá-lo como vingança por ele o ter despedido há pouco tempo. Entretanto chega Marta, jovem filha de Evaristo e presumível noiva de Diogo Alardo. Também ela está preocupada e avisa o pai de que na Assembleia Geral vão propor um inquérito aos seus actos. Furioso, Evaristo diz ter sido Diogo quem a informou e lembra-lhe que é sobretudo por inveja dos seus dotes de pianista enquanto que ele, Diogo, não consegue ver representar uma peça que escreveu. Só quando vê recusado o pagamento de um cheque com a sua assinatura, Evaristo começa a compreender a gravidade da situação. Marta tenta convencê-lo a readmitir Diogo imediatamente, já que a assembleia irá realizar-se nessa mesma tarde. Evaristo recebe a visita de Manuel Pereira, proprietário do «Lisbon-Club», sala de jogo chiquíssima que se inaugurará brevemente. Descreve o ambiente, a classe do pessoal e as fardas que usarão. O pianista, por exemplo, não vestirá «smoking», mas casaca, uma casaca encarnada, de seda, enfeitada a dourados. Também lhe fala dos boatos que correm acerca da falência iminente da Companhia e atreve-se a convidá-lo para pianista do seu Clube, ideia que Evaristo Fernandes repele indignadamente. É então que, acompanhada do seu jovem marido, D. Julião, vinte anos mais novo do que ela, aparece Madame Schubach, viúva de um grande comerciante alemão de quem herdou os bens e a energia. Vem propor a Evaristo um negócio: está pronta a esquecer a dívida de materiais de construção que os seus armazéns lhe forneceram, se ele evitar que Diogo Alardo case com Marta. A sós com Evaristo, confessa-lhe que está enamorada de Diogo, após as desilusões que sofreu com os seus dois casamentos. E propõe a Evaristo um lugar rendoso na sucursal da sua empresa no Brasil, para onde iria em companhia da filha, deixando-lhe assim o campo livre para a conquista de Diogo. Evaristo perde entretanto a sua posição na Companhia. Manuel Pereira procura convencê-lo a tomar no seu clube o lugar do pianista, que nesse dia, despediu. Diogo Alardo, cuja peça foi estreada com o maior sucesso vem ver Marta, aproveitando uma ausência do pai desta. Quando lhe revela estar empregado na Casa

Schubach desde há três dias, Marta fica perplexa e dá razão ao pai quando afirma ser Diogo amante da alemã. Esta aparece para dizer a Evaristo que tem barco para o Brasil daí a dez dias, mas é Marta quem se recusa terminantemente a acompanhar o pai. O 3.º acto passa-se no «hall» do «Lisbon-Club», onde Evaristo surge de casaca encarnada e calção de seda, abatidíssimo. Acabou por aceitar o lugar de pianista no clube de Manuel Pereira. Numa sala ao lado, Diogo Alardo festeja o seu triunfo no teatro com uma ceia oferecida pelos amigos, entre os quais se encontra a Madame Schubach, a qual, durante uns momentos em que estão sozinhos, procura dar a entender a Diogo a sua paixão por ele. Convida-o para um encontro a sós em sua casa, mas Diogo finge não compreender. Daí a instantes dirá mesmo a um seu velho amigo que pode contar com ele para gerir a fortuna que este há pouco herdou, saindo assim da casa e da vida de madame Schubach. D. Julião, o marido de Madame Schubach, insolente e embriagado, quer obrigar o «homem da casaca encarnada» a fazer um brinde à saúde de Diogo, acabando por lhe atirar à cara uma taça de champanhe. Evaristo ergue-se como louco, gritando e despindo a infamante casaca. Leva as mãos ao peito, vai cair, mas é amparado por Diogo, que carinhosamente o faz sentar. Finalmente Evaristo reconhece a grandeza de carácter do seu antigo colaborador e diz-lhe que foi por tê-lo admirado tanto que tanto o odiou. Marta, que chega, chora afluída e Evaristo, moribundo, pede a Diogo que tome conta de sua filha. Este promete que Marta será sua mulher.

Luiz Francisco Rebello. *100 anos de teatro português (1880-1980)*. Porto: Brasília Editora, 1984, pp. 162-163.

Autorização de utilização por despacho de 28/06/2017 emitido pela Senhora Diretora Geral do Património Cultural Arqtª Paula Silva.